

CORRIDA DE AVENTURA NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR:

EXPERIÊNCIA EM UMA ESCOLA MARAJOARA

MS. CARLOS AFONSO FERREIRA DOS SANTOS

Mestre em Educação Básica pela Universidade Federal do Pará – UFPA

Resumo | O texto tem como objetivo relatar uma experiência pedagógica com a corrida de aventura, desenvolvida com uma turma de 9º ano de uma escola de ensino fundamental de Soure, Ilha do Marajó-PA. A atividade abrangeu a prática encadeada das modalidades corrida de orientação, *mountain bike* e *trekking*. Visou envolver estudantes em situações que os permitissem superar desafios, assim como compreender a importância de preservação do meio natural. Foi possível observar a apreensão crítica do conhecimento trabalhado, o envolvimento significativo dos educandos na corrida de aventura, sua interação ativa com o espaço natural, bem como o enfrentamento de limites psicofísicos na exploração de riscos controlados.

Palavras-chave | Educação física; aventura; corrida.

ADVENTURE RACE IN SCHOOL PHYSICAL EDUCATION: EXPERIENCE IN A MARAJOARA SCHOOL

Abstract | The text aims to report a pedagogical experience with adventure race, developed with a 9th grade class from an elementary school in Soure, Ilha do Marajó-PA. The activity embraced the chained practice of modalities orienteering race, mountain biking and trekking. It aimed to involve students in situations that would allow them to overcome challenges, as well as understand the importance of preserving the natural environment. It was possible to observe the critical apprehension of the knowledge worked, the significant involvement of the students in the adventure race, their active interaction with the natural space, as well as the confrontation of psychophysical limits in the exploration of controlled risks.

Keywords | Physical education; adventure; race.

CORRIDA DE AVENTURA EN LA EDUCACIÓN FÍSICA ESCOLAR: EXPERIENCIA EN UNA ESCUELA MARAJOARA

Resumen | El texto pretende relatar una experiencia pedagógica con la corrida de aventura, desarrollada con una clase de 9º grado de una escuela primaria en Soure, Ilha do Marajó-PA. La actividad abarcó la práctica vinculada de carrera de orientación, *mountain bike* y *trekking*. Su objetivo era involucrar a los estudiantes en situaciones que les permitieran superar desafíos, así como comprender la importancia de preservar el entorno natural. Fue posible observar la aprehensión crítica de los saberes trabajados, el involucramiento significativo de los estudiantes en la carrera de aventura, su interacción activa con el espacio natural, así como el enfrentamiento de los límites psicofísicos en la exploración de riesgos controlados.

Palabras clave | Educación física; aventura; corrida.

INTRODUÇÃO

Na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), conforme reconhecido por Inácio (2021), as Práticas Corporais de Aventura se destacam como uma unidade didática inovadora e de significativo valor pedagógico e social nas aulas de Educação Física. Elementos como o contato com a natureza, a busca por emoções prazerosas e o desejo pelo novo justificam o impulsionamento dessas atividades (MARINHO, 2004), capazes de estimular a construção de alternativas que privilegiem sua abordagem educativa nas escolas.

Inácio (2021) observa que o interesse docente, o contexto escolar e a observação do entorno podem influenciar a inserção das Práticas Corporais de Aventura no planejamento da Educação Física, sendo as condições ambientais (físico-estruturais) diretamente relacionadas à concretização de trabalhos pedagógicos com essa temática na escola.

Situado na costa leste da Ilha de Marajó e banhado pelo oceano Atlântico, o município de Soure, no estado do Pará, oferece um cenário rico de paisagens florestais (NETO, 1993), sendo reconhecido como uma das principais cidades turísticas da região. Possui atrativos naturais com grande potencial para o turismo rural e ecoturismo, como trilhas

ecológicas em fazendas e campos naturais, além de passeios fluviais em manguezais (PARÁ, 2012; PARÁ, 2016).

Diante da realidade encontrada em Soure, destacando suas paisagens rurais com vegetação vasta, foi desenvolvido um programa pedagógico com o tema “Práticas Corporais de Aventura na Natureza”, presente no currículo de Educação Física de uma escola municipal. Esse programa proporcionou aos educandos do ensino fundamental, anos finais, vivências expressivas relacionadas às atividades de aventura.

A modalidade escolhida e vivenciada foi a corrida de aventura, definida como uma prática competitiva entre equipes que demanda alta exigência física e psíquica no enfrentamento de desafios e obstáculos presentes em uma paisagem natural (BETRÁN, 2003). Constitui-se em uma atividade encadeada, na qual diversas outras modalidades de aventura são praticadas. Na experiência pedagógica em questão, realizaram-se corrida de orientação¹, *mountain bike*² e *trekking*³.

Nessa perspectiva, este texto compreende um relato descritivo-analítico de uma experiência pedagógica com a corrida de aventura desenvolvida com estudantes do 9º ano em Soure, Marajó-PA. Seu objetivo é apresentar e refletir sobre uma alternativa para o ensino de Práticas Corporais de Aventura na Natureza na Educação Física escolar, considerando a compreensão crítica e a experimentação de elementos que constituem esse conteúdo, conforme classificado por Inácio (2021).

Entendemos que a participação em situações desafiadoras no meio natural, por meio de atividades de aventura, pode ser uma alternativa motivadora (INÁCIO et al., 2016), com potencial para estimular a produção de conhecimento específico sobre essa prática corporal por estudantes de educação básica, desenvolver capacidades em diferentes dimensões do

-
1. Refere-se a uma prática competitiva que utiliza materiais como mapa e bússola, com o objetivo de navegar entre pontos em um espaço determinado.
 2. Consiste em uma atividade de ciclismo praticada em locais naturais, geralmente em trilhas.
 3. Prática de caminhada em trilhas e espaços naturais.

comportamento humano (TAHARA; DARIDO, 2016) e intervir de maneira crítica na natureza, por meio de condutas ambientais sustentáveis.

CORRIDA DE AVENTURA EM AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA NA ILHA DO MARAJÓ: FASE DE PLANEJAMENTO DA ATIVIDADE CURRICULAR

A corrida de aventura, sistematizada como atividade curricular desenvolvida com uma turma de 9º ano em uma escola de Soure-PA, ocorreu no primeiro bimestre letivo de 2022. A escola está situada em um bairro populoso da cidade, chamado Pacoval, onde crianças, jovens e adolescentes participam regularmente de atividades culturais e esportivas. Isso ocorre tanto na associação⁴ de moradores da comunidade quanto na própria instituição escolar, que diariamente disponibiliza seu ginásio para a prática de esportes. Devido às experiências corporais adquiridas tanto no ambiente escolar quanto extraescolar, os educandos envolvidos na atividade curricular possuem uma notável bagagem cultural, que influenciou significativamente a vivência das Práticas Corporais de Aventura na Natureza, até então pouco explorada por eles.

O desenvolvimento da atividade foi guiado por um planejamento pedagógico composto por cinco aulas, que abrangeram desde a introdução à temática proposta até o planejamento e execução da modalidade escolhida para ser vivenciada. O Quadro 01 apresenta a organização do bimestre, detalhando as atividades realizadas nas aulas. Na sistematização do programa, destaca-se que, para a vivência da corrida de aventura no final do bimestre, foi crucial a elaboração de aulas teóricas e práticas, visando garantir que o conhecimento sobre o tema fosse efetivamente assimilado pelos estudantes.

4. A AMPAC (Associação de Moradores do Bairro do Pacoval) foi fundada em 2009 e, ao longo dos anos, tem cumprido a missão de valorizar os mestres da cultura popular de Soure. Fortalece a transmissão de cultura às novas gerações e promove a identidade marajoara por meio das ações que desenvolve, seja no âmbito cultural, educativo ou de sustentabilidade na comunidade (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ, 2023).

Quadro 1 – Programa de aulas do bimestre.

Aulas	Tópicos de aulas	Descrição das atividades
Aula 01	Introdução ao objeto de conhecimento	Exploração do conhecimento sobre Práticas Corporais de Aventura na Natureza e seus elementos constituintes, tais como deslocamento, sentido e forma do deslocamento, impulso, risco controlado e aventura.
Aula 02	Vivência de modalidade de aventura	Realização de uma vivência adaptada, na escola, de corrida de orientação. O objetivo foi proporcionar a experimentação dos elementos estudados, com ênfase no conhecimento dessa modalidade em particular.
Aula 03	Conhecimento e discussão coletiva da modalidade corrida de aventura	Apresentação de uma reportagem sobre corrida de aventura, com a anotação dos elementos centrais pelos estudantes. Posteriormente, ocorreu a verbalização desses elementos, destacando as características das práticas de aventura. O diálogo final incluiu o conhecimento de algumas modalidades presentes na corrida de aventura.
Aula 04	Planejamento coletivo de vivência com a corrida de aventura	Construção coletiva de uma experiência com a corrida de aventura. Isso envolveu a organização das modalidades a serem praticadas e a observação dos riscos, além da avaliação da segurança.
Aula 05	Culminância	Vivência da corrida de aventura em um espaço natural, localizado em um bairro rural da cidade de Soure. Este momento representou a aplicação prática de todo o conhecimento adquirido ao longo do programa.

Fonte: elaboração do autor (2023).

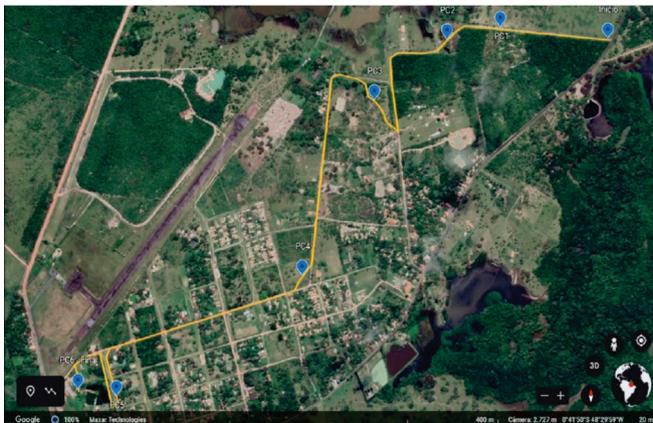
Como evidenciado no quadro acima, as três primeiras aulas abordaram discussões teóricas sobre o objeto de conhecimento do bimestre, juntamente com atividades práticas relacionadas à corrida de orientação. Na aula 04, ocorreu o planejamento coletivo da experiência pedagógica, estabelecendo como objetivo a vivência da corrida de aventura e a iden-

tificação dos elementos que abrangem essa modalidade, previamente aprendidos na aula 01. Nesse momento, os educandos foram informados de que a única modalidade obrigatória na corrida de aventura é a corrida de orientação (previamente praticada na aula 02), sem a qual a modalidade não sustenta sua principal característica: a transição entre pontos em um determinado percurso (NASCIMENTO; MOURA, 2017).

Dessa forma, a corrida de orientação, juntamente com o *mountain bike* e o *trekking*, foram escolhidas como modalidades da corrida de aventura, considerando as possibilidades visualizadas no espaço destinado à atividade. Esse local, uma paisagem natural em um bairro rural de Soure, é cercado por casas, pequenas fazendas, matas abertas e fechadas, pastos naturais, além de animais como búfalos e cavalos, e trilhas em terrenos planos e irregulares. O espaço foi apresentado como uma alternativa pelo docente por meio de fotografias tiradas durante a visita prévia ao local.

A continuidade do planejamento ficou a cargo do docente, que teve a tarefa subsequente de construir um mapa de orientação do percurso. Uma das regras das corridas de aventura é a orientação de equipes a partir de um mapa, sendo um dos únicos equipamentos fornecidos aos participantes da prova (NASCIMENTO; MOURA, 2017), juntamente com a bússola. No entanto, esta última não foi utilizada devido à limitação de material e à escolha pela simplificação da atividade, considerando que o percurso era facilmente visualizado no mapa.

Figura 1 – Mapa de orientação.



Fonte: construção do autor no aplicativo Google Earth (2022).

O mapa de orientação (Figura 1) continha Pontos de Controle (PCs), os quais deveriam ser localizados pelos estudantes aventureiros. Sua construção levou em consideração as características das modalidades escolhidas para a prática, conforme sistematizaram Franco, Cavasini e Darido (2014).

Quadro 2 – Modalidades da corrida de aventura e objetivos no percurso.

Modalidades	Descrição
Corrida de orientação	Atividade competitiva na qual o objetivo é navegar entre pontos de um mapa com o auxílio de uma bússola. Na experiência, um mapa de orientação impresso foi entregue aos estudantes para que localizassem os PCs.
Mountain bike	Ciclismo realizado em trilhas localizadas em espaços naturais. Na experiência, os estudantes percorreram trilhas e estradas com suas bicicletas, visando alcançar os PCs.
Trekking	Caminhada em trilhas e espaços naturais. Na experiência, em certos PCs, visando cumprir desafios, os estudantes tinham que realizar caminhadas na natureza.

Fonte: elaboração do autor, baseado em sistematização de Franco, Cavasini e Darido (2014).

Preservando sua característica mais notável, a competição, finalmente ficou estabelecido como objetivo prático da corrida de aventura: cumprir tarefas presentes nos PCs (1, 2, 3, 4 e 5) e alcançar em primeiro lugar o PC 6, local de chegada em um sítio com lagoa natural. Geralmente, nessa modalidade, as equipes se alternam na realização da prova, vencendo aquela que cumprir o percurso em menos tempo. Na ocasião, contudo, essa regra foi adaptada, e as equipes desenvolveram a atividade simultaneamente, em virtude do tempo disponível para execução da experiência.

Figura 2 – Exemplo de Ponto de Controle.



Fonte: arquivo pessoal do autor (2023).

UMA VIVÊNCIA CRÍTICA NA EDUCAÇÃO FÍSICA: FASE DE EXECUÇÃO DA EXPERIÊNCIA COM A CORRIDA DE AVENTURA

No dia marcado para a realização da atividade, duas equipes foram formadas. Antes de serem autorizadas a iniciar, aos estudantes aventureiros foram reforçadas orientações para o bom andamento da corrida, como a importância de adotarem estratégias para a realização das tarefas, de respeitarem e preservarem o ambiente natural (BETRÁN, 2003), e

de atentarem aos riscos de queda, bem como aos locais onde pisavam e tocavam. Com a entrega do mapa e a partir das orientações iniciais, os educandos, já organizados em equipes, traçaram planos visando cumprir os objetivos da corrida.

Figura 3 – Estudantes analisando o mapa de orientação e definindo estratégias no início do percurso.



Fonte: arquivo pessoal do autor (2023).

No que diz respeito às relações ambientais e à gestão de riscos e segurança nas práticas de aventura na natureza, Franco, Cavasini e Darido (2014) chamam a atenção de docentes e praticantes quanto à sua relevância. Por isso, especialmente a questão ambiental se apresentou como uma orientação ética que permeou o desenvolvimento da experiência, em função de sua importância educacional e social.

Como auxílio em eventuais casos de incidentes e como forma de envolver a comunidade escolar na vivência, a experiência contou com a presença de uma equipe de apoio (BETRÁN, 2003), constituída por uma docente de Língua Portuguesa, diretora da escola e funcionários de serviços gerais. Assim, enfim, ficaram estabelecidas as tarefas nos PCs.

Quadro 3 – Tarefas dos PCs.

PC 1	Fotografia criativa da equipe no ambiente natural.
PC 2	Investigação animal – fotografia de um animal na natureza.
PC 3	Caça à bandeira da cor da equipe.
PC 4	Preenchimento de paleta de cores a partir da fotografia de “coisas” no ambiente.
PC 5	Estacionamento de bicicletas.
PC 6	Hasteamento da bandeira da equipe e <i>selfie</i> do grupo no final do percurso.

Fonte: elaboração do autor (2023).

Posto isto, deu-se início à experiência, em um horário no qual a condição climática se mostrou adequada aos objetivos pré-estabelecidos. No decorrer da prática da corrida de aventura, foi possível observar a ocorrência de princípios inerentes à modalidade, como a autossuficiência das equipes participantes (NASCIMENTO; MOURA, 2017) e a cooperação (FERREIRA, 2004).

Figura 4 – Equipe correndo em trilha.



Fonte: arquivo pessoal do autor (2023).

No que diz respeito à autossuficiência, princípio apontado por Nascimento e Moura (2017), sua manifestação foi moderada. Na experiência, ela se expressou devido ao fato de ambas as equipes conseguirem resolver autonomamente as tarefas apresentadas no mapa, mas, ao mesmo tempo, não obterem êxito em encontrar o caminho para locomoverem-se entre determinados PCs. Segundo os relatos, o cansaço físico e mental foi um impedimento para a leitura correta do mapa de orientação na fase final da corrida, levando os estudantes a se perderem no percurso. Pode-se notar, nesse contexto, que as resistências física e psicológica, segundo Betrán (2003), são determinantes para a superação dos desafios e limites na corrida de aventura.

Além da autossuficiência, a constituição de ações colaborativas para o desempenho das tarefas e exploração do espaço desconhecido mostraram-se imprescindíveis no interior das estratégias traçadas pelas equipes. Para esse fim, a comunicação e a cooperação se revelaram condutas pertinentes na modalidade de aventura vivenciada, em que a dependência dos parceiros precisa existir para que a prática ocorra de forma segura e prazerosa (MARINHO, 2004). Na prova realizada, esse foi um fator constantemente presente, permitindo aos estudantes resolverem com sucesso e rapidez as tarefas dos PCs.

À medida que a competição entre as equipes aumentava e o limite para erros diminuía, tanto a autossuficiência quanto a cooperação configuraram-se como condutas necessárias na realização das tarefas, uma vez que o percurso era consideravelmente longo e desafiador, e as tarefas dos PCs demandavam trabalho coletivo para serem cumpridas com efetividade.

Além dos princípios relatados, verificou-se, na execução da modalidade, a materialização de saberes trabalhados no programa de aulas da turma no bimestre (Quadro 01). Particularmente, os elementos que constituem as Práticas Corporais de Aventura manifestaram-se da seguinte forma:

- **DESLOCAMENTO:** as equipes se movimentavam entre os PCs a partir do mapa de orientação.

- **SENTIDO DO DESLOCAMENTO:** os aventureiros se moviam em diferentes direções nas trilhas, em função dos desafios apresentados e da forma como se deslocavam.
- **FORMA DO DESLOCAMENTO:** os estudantes faziam uso de habilidades corporais, como andar e correr (*trekking*), e eram deslocados no espaço por intermédio do uso de bicicletas (*mountain bike*).
- **IMPULSO:** compreendeu a própria força humana para a realização das ações motoras (andar, correr, pedalar).
- **RISCO CONTROLADO:** foram repassadas orientações para diminuição dos riscos de quedas e outras eventualidades nas trilhas de matas fechadas.
- **AVENTURA:** a corrida de aventura proporcionou situações desafiadoras relacionadas à realização de tarefas no meio natural, de forma competitiva, onde o ímpeto pela vitória poderia causar eventualidades no decorrer do percurso.

De maneira geral, pode-se dizer que a compreensão e execução dos elementos das Práticas Corporais de Aventura foram aspectos que se sobressaíram na avaliação da atividade pedagógica, realizada logo em seguida ao término da prova. Ao serem questionados, os educandos ressaltaram pontos a esse respeito. Referiram-se à necessidade de agirem juntos a fim de que o percurso correto no mapa fosse encontrado (deslocamento, sentido do deslocamento); à importância de serem rápidos e resistentes nas corridas em trilhas (forma de deslocamento e impulso); e de ser essencial observar os riscos apresentados em um espaço desconhecido e, em função disso, serem capazes de enfrentá-los (risco e aventura).

Os elementos sinalizados na avaliação dialógica após o término da atividade foram novamente objeto de avaliação formal na aula que sucedeu a experiência. Na oportunidade, os estudantes apresentaram seus relatos sobre a corrida de aventura, discutiram os desafios enfrentados e refletiram sobre questões que envolvem as práticas de aventura, especialmente a conduta ambiental. Após esse momento, às equipes competidoras

foram entregues um instrumento avaliativo que consistia em descrever como se manifestaram os elementos das Práticas Corporais de Aventura na atividade vivenciada.

Em termos conclusivos, concordamos com Inácio (2021) ao refletir que os elementos já referidos por este texto, quando bem sistematizados e avaliados em uma proposta pedagógica, podem atribuir à tematização das Práticas Corporais de Aventura um sentido crítico, explicado pela apreensão teórico-prática de conhecimentos específicos da unidade temática trabalhada e, em um plano atitudinal, pela tomada de decisões coletivas e refletidas no desenvolvimento das aulas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A promoção de situações desafiadoras e de risco controlado na tematização da corrida de aventura com educandos de uma escola majoroara de Soure-PA permitiu aos participantes da experiência relatada o desenvolvimento de aspectos importantes para sua formação cultural e motora. Isso se explica pela experimentação positiva de cenários em que foi possível a participação em vivências corporais novas e estimulantes, reflexões sobre questões ambientais, interações ativas com o meio natural e apreensão de novos saberes.

Os limites da experiência se manifestaram na ampla quantidade de adaptações realizadas na corrida de aventura, o que pode ter descaracterizado alguns de seus traços particulares. Em outra oportunidade, a minimização de adaptações pode ser mais interessante para a manutenção de seus aspectos e a vivência efetiva da modalidade pelos estudantes. Relativamente a essa efetividade, outro limite observado foi a falta da vivência de outras modalidades, como canoagem e técnicas verticais, devido ao contexto apresentado pelo espaço destinado à realização da aventura inviabilizar tal prática.

Seguramente, a corrida de aventura compreendeu uma atividade incorporada ao acervo corporal dos estudantes contemplados pela expe-

riência, motivo pelo qual sua sistematização no currículo da Educação Física se mostra pertinente do ponto de vista educativo.

REFERÊNCIAS

BETRÁN, Javier O. Rumo a um novo conceito de ócio ativo e turismo na Espanha: as atividades físicas de aventura na natureza. In: MARINHO, Alcyane; BRUHNS, Heloisa (Orgs.). **Turismo, lazer e natureza**. São Paulo: Manole, 2003. p.157-202.

FERREIRA, Luiz Fabiano Seabra. Corridas de aventura: criando novos espaços para a sociabilização e a interação entre os indivíduos. In: **I Congresso Internacional de Educação e Desenvolvimento Humano**, 2004, Maringá – PR. I Congresso Internacional de Educação e Desenvolvimento Humano. Maringá: UEM/DTP/DFE, 2004.

FRANCO, Laércio Claro Pereira; CAVASINI, Rodrigo; DARIDO, Suraya Cristina. Práticas corporais de aventura. In: GONZÁLEZ, Fernando Jaime; DARIDO, Suraya Cristina; OLIVEIRA, Amauri Aparecido Bássoli de (Orgs.). **Lutas, Capoeira e Práticas corporais de aventura: práticas corporais e a organização do conhecimento**. Maringá: Eduem, 2014.

INÁCIO, Humberto Luís de Deus et al. Práticas corporais de aventura na escola: possibilidades e desafios – reflexões para além da Base Nacional Comum Curricular. **Motrivivência**, Florianópolis, v. 28, n. 48, p. 168-187, setembro/2016.

INÁCIO, Humberto Luís de Deus. Proposta de classificação das práticas corporais de aventura para o ensino na educação física escolar. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 43, p. 1-8, 2021.

MARINHO, Alcyane. Atividades na natureza, lazer e educação ambiental: refletindo sobre algumas possibilidades. **Motrivivência**, Florianópolis, n. 22, p. 1-15, 2004.

NASCIMENTO, Marcelo de Maio; MOURA, Fernando Alcantara Vieira de. Corrida de aventura: uma ação de extensão na graduação em Educação física da Universidade Federal do Vale do São Francisco. **Revista Conexão UEPG**, v. 13, n. 2, p. 214-227, maio-agosto 2017.

NETO, Miranda. **Marajó: desafio da Amazônia**. 2. ed. Belém: Cejup, 1993.

PARÁ. **Inventário da oferta turística:** Soure. Companhia Paraense de Turismo, 2012.

PARÁ. Secretaria de Estado de Turismo. **Polo Marajó.** 27 de outubro de 2016. Disponível em: <<http://www.setur.pa.gov.br/polo-marajo>>. Acesso em: 15 jan. 2023.

TAHARA, Alexander Klein; DARIDO, Suraya Cristina. Práticas corporais de aventura em aulas de educação física na escola. **Conexões**, Campinas, v. 14, n. 2, p. 113-136, abr./jun. 2016.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ. Campus de Soure. Projeto de extensão “Pisei na tua areia, Ilha de Marajó: cantos e encantos do carimbó Tambores do Pacoval para a Educação”. Disponível em: <<https://soure.ufpa.br/ultimas-noticias/391-projeto-de-extensao-pisei-na-tua-areia-ilha-de-marajo-cantos-e-encantos-do-carimbo-tambores-do-pacoval-para-a-educacao>>. Acesso em: 19 dez. 2023.

Recebido: 26 janeiro 2023

Aprovado: 20 fevereiro 2024

Endereço eletrônico:

Carlos Afonso Ferreira dos Santos

carlos.afonso1@outlook.com